



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil



AMOR E PSIQUÊ: UMA NARRATIVA DE ESPELHOS

Rayana da Costa Teles Barreto*, Isabella Tardin Cardoso

Resumo

A presente exposição apresenta os primeiros passos de nossa pesquisa, que tem como corpus o excerto correspondente à história de Amor e Psiquê (Met., IV, 28 – VI, 24) da obra *Metamorphoses* (*Metamorphoseon*). Também conhecida como *O Asno de Ouro* (*Asinus Aureus*), trata-se de um romance escrito por Apuleio (Apuleius) no segundo século d.C. Em nosso país, a obra conta com algumas traduções, mas com muito poucos estudos. Tal escassez se nota sobretudo quando nos lembramos de que, dentre os textos legados de Roma antiga, a passagem em apreço é uma das mais conhecidas, tendo sido recebida em diversas áreas: além da literatura e em sua teoria, o mito é representado, por exemplo, nas artes visuais, no cinema e na psicanálise. Nossa investigação se pauta inicialmente pela tradução do excerto, para, em seguida, analisar seus aspectos estilísticos e retóricos. Com isso, visa-se compreender mais de perto seus reflexos: a) no desfecho da obra; b) na relação com as fontes antigas do mito; c) na recepção do texto. Nesta fase destacamos resultados parciais relevantes ao item b, nomeadamente suas características narratológicas complexas, entre elas a relação com o enredo da obra como um todo, a construção do discurso dos personagens e a tematização da ficcionalidade da narrativa.

Palavras-chave:

Apuleio, Amor e Psiquê, *O Asno de Ouro*

Introdução

A obra *Metamorphoses* (*Metamorphoseon*) escrita por Apuleio (125-170? d.C.) no século II d.C. também era denominada de *O Asno de Ouro* (*Asinus Aureus*) já na Antiguidade tardia. Dentre os onze livros que compõem o romance, a célebre história (*fabula*) que é objeto do presente estudo chamou nossa atenção por sua complexidade em termos narratológicos. Isso porque a obra *Metamorphoses* como um todo é formulada como uma narrativa em primeira pessoa, cujo enredo revela as desventuras do personagem Lúcio, um homem metamorfoseado em asno. Situada entre os livros IV, 28 e VI, 24, a história do deus Cupido (*Cupido* ou *Amor* em latim, *Eros* em grego) e da mortal Psiquê (*Psyche*) é um dos vários momentos em que o narrador principal se cala e se torna ouvinte de uma outra narrativa: ela corresponde ao episódio mais extenso que o protagonista tem a chance de apreciar. Isso ocorre quando o asno com mente humana, tendo sido roubado, depara-se com uma jovem abastada, também cativa. Mediante o desespero desta, uma anciã, que vivia com os ladrões, conta-lhe a *fabula* a fim de acalmá-la. Assim Lúcio, em pele de asno, ouve a história. Nas palavras da anciã, narradas por Lúcio, vemos que Psiquê era a filha de um rei, à qual os cidadãos ofereciam sacrifícios devido à sua extraordinária beleza – situação que despertou a inveja de Vênus... A deusa, em função disso, convoca seu filho Cupido para se vingar da jovem. Mas Cupido, maravilhado com a beleza da moça, resolve se casar com Psiquê. No entanto, instigada pela inveja das irmãs e, sobretudo, por sua *curiositas*, Psiquê infringe uma regra imposta por Cupido e, enquanto ele dormia, contempla a sua imagem. Por isso, a jovem é, imediatamente, separada do marido e permanece sozinha até completar sua expiação, o que resulta numa mudança drástica em sua vida. A redenção da jovem é alcançada apenas no término do episódio.

Resultados e Discussão

Para a tradução, empregamos a edição latina de Robertson (1989), mas diversas outras edições e traduções do texto são confrontadas.

As linhas gerais da vida de Psiquê remetem à experiência de Lúcio, que, tal como ela, também é impelido por sua *curiositas*, elemento motivador tanto de seus infortúnios quanto de sua redenção. O protagonista, precisamente como Psiquê, alcançará a salvação após longa jornada repleta de prejuízos e atrocidades presenciados em seu percurso, carregando consigo (burro de carga que se tornou) o seu destino. Esse espelhamento é, ainda, reforçado por características narratológicas complexas, como a construção do discurso dos personagens e a tematização da ficcionalidade da narrativa. Tais aspectos são indícios de que a narrativa de Cupido e Psiquê pode efetivamente ser considerada não mera digressão, e sim episódio central para uma interpretação mais aprofundada de *Metamorphoses* como um todo. Nesse sentido, tendemos a concordar com Conte (1994), mesmo sem ainda adentrarmos no mérito de uma interpretação místico-redentora da obra, por ele proposta.

Conclusões

Nesta etapa inicial, observaram-se correspondências entre a narrativa de Psiquê e a relatada pelo narrador Lúcio. Para determinar o efeito literário e retórico daquelas (SANDY 1997), constata-se, contudo, a necessidade de aprofundar uma análise minuciosa do texto latino, a fim de observar até que ponto (e com que sentido) tal enredo reflete a concepção do longo romance de que faz parte. Para tanto, também em diálogo com os estudos sobre o tema, continuaremos, pois, a observar que aspectos da construção do texto podem contribuir para essa perspectiva ou para refutá-la.

CONTE, G. B. (ed.) *Latin Literature*. Baltimore/London: Johns Hopkins U. P., 1994.

ROBERTSON, D. S. (ed.) *Apulée. Les Métamorphoses*. Tradução de Paul Vallete. Paris: Les Belles Lettres, 1989, vol. 1,2,3.

SANDY, G. *The Greek world of Apuleius: Apuleius and the second sophistic*. Leiden/New York: Brill, 1997.